

## **CORPO E PRISÃO: EDUCAÇÃO PARA “LIBERDADE” OU MAIS UM TERRITÓRIO DO OLHO DO PODER, NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ?**

JOSÉ GERARDO VASCONCELOS

As marcas escuras das grades revelam lugares sombrios prontos a emergir nas frinchas que acalentam as vidas no submundo das celas e, ao mesmo tempo, persistem com a intensidade que lhe é devida em busca do mundo de fora. É que a liberdade passa a ser o elemento mais esperado ou, conforme relata Dostoiévski, em seu livro *Memória da Casa dos Mortos*

A maior virtude, ali, era o dom de não sentir admiração fosse pelo que fosse. Viviam todos preocupados com a maneira de se conduzirem no exterior. (DOSTOIÉVSKI, 1995, p. 316).

Todavia, a interdição da liberdade pode ser recomposta nas marcas corporais. Elas revelam as atrocidades de um campo minado por códigos normalizadores que resvalam na saga do “condenado” e o fazem optar constantemente entre a vida exterior – da liberdade – fundada no risco e o caminho institucional da vida, denominado pelos presos de “porta da frente”. É que a lei da cela é de outra ordem. Liberdade pode não conter o mesmo percurso do mundo de fora. O estonteante poder de mando é induzido nos campos silenciosos de vontades nem sempre reveladoras de força. Atos que marcam um mundo sagrado de supostas axiologias clandestinas. Atos que não se mostram e, ao mesmo tempo, são reveladores de códigos de honra produzidos nos pavilhões, quarteirões e ruas dos presídios. Saltam de lado a lado no mergulho tênue de sentidos encarcerados e, de outro, na composição das linhas de fuga que rasgam os blocos de força adestradores dos detentos.

A prisão fabrica a delinqüência. Sua ação normalizadora ou supostamente ressocializadora constitui-se, em última instância, em elementos que atuam nos corpos dos condenados, visando o adestramento do sujeito. É na prisão que o ato de punir encontra sustentação para integrar as mudanças ocorridas com a vigilância e punição do corpo. Não

se trata mais de uma transmutação constituidora de uma nova moral da morte mas, principalmente, conforme revela Foucault (1986), uma nova moral do ato de punir passa a se constituir ao longo dos séculos XVIII e XIX.

Os espetáculos modernos, vividos pelos rituais da execução capital, passam a se esconder. Não mais representavam uma necessidade pública. Nesse caso, a morte não é mais o alvo de interrupção como se quisessem prolongar ao máximo o sofrimento do condenado.

Não mais aqueles suplícios em que o condenado era arrastado sobre uma grade (para evitar que a cabeça arrebetasse contra um pavimento), seu ventre aberto, as entranhas arrancadas às pressas, para que ele tivesse tempo de as ver com seus próprios olhos ser lançadas ao fogo; em que era decapitado enfim e seu corpo dividido em postas. (FOUCAULT, 1986, p. 17).

Já em 1760, segundo Foucault (1986, p. 17), “se havia tentado na Inglaterra (por ocasião da execução de Lord Ferrer) uma máquina de enforcamento”. Essa máquina, que seria aperfeiçoada e devidamente testada, integra o patrimônio punitivo da Inglaterra definitivamente em 1783. Daí para frente: uma isonomia da morte. A guilhotina, utilizada a partir de 1792, de alguma maneira igualou os condenados e, ao mesmo tempo, efetivou o que já estava prescrito no artigo 3º do Código Francês de 1791, em que se pode ler: “todo condenado à morte terá a cabeça decepada”.

É nessa máquina de matar que mortes rápidas ganham outro estatuto. O poder sobre o corpo modifica-se. Isso não quer dizer que tenha deixado de existir totalmente. A prisão ingressa na ordem punitiva substitui os suplícios públicos e, embora tenha outro objetivo – o de ressocialização –, nunca deixou de aplicar medidas que causassem sofrimentos físicos aos condenados. As prisões são casas de torturas e abrigam as máquinas de sofrimentos.

Resta, então, perguntar, nesta micropolítica do cotidiano carcerário, que constitui o nosso olhar, como os saberes e poderes gestados no interior dos cárceres atuam na subjetividade dos encarcerados? De que forma o olho do poder e a culpa podem tornar ainda mais impotentes os indivíduos que já estão amordaçados e encarcerados? De

que forma o trabalho penal agrupado ao conceito de tempo (re)significam ou limitam os sonhos de liberdade dos detentos? É possível escapar ao olho do poder?

O olho do poder é o olhar posicionado e centralizado de quem olha. Todavia, esse olho não pode ser centralizado. Está em todos os lugares. Trespasa todos os detalhes e recantos do espaço disciplinar. É um olho místico e suntuoso. Agressivo em todos os sentidos. Atua em rede e ocupa todos os espaços. Amarga seu próprio desdém, reavivando as pegadas e marcas simbólicas aplicadas aos condenados.

Esse olhar é invisível na sua visibilidade. É lançado em todas as direções e, ao mesmo tempo, encontra nos corpos mutilados a insensatez da vida humana. Resvala em cada marca corporal o atributo de signos silenciosos prontos a empunhar as correntes e devires que, na sua fluidez, inauguram sólidas cicatrizes prontas a escorrer no lodo os fluxos moleculares e (des)segmentarizados de binários encantos que encobrem os silenciosos movimentos noturnos das celas. O olho do poder pode ser explicitado nos ícones da violência e, nesse caso, jorrar pela força de sua manifestação. É o que nos conta Dostoiévski nas suas lembranças, transcritas em 1860, nas *Memórias da Casa dos Mortos*.

Lembro-me de que uma vez aplicaram um castigo, não sei por que falta, a um desses reclusos, um homem forte e enérgico, conhecido dos chefes pelas suas inclinações bestiais. Era um dia de verão numa hora de descanso. O major, que era o chefe imediato da colônia penal, apareceu em pessoa no corpo da guarda [...]. Tratava-os de uma maneira que os fazia tremer. Era de uma severidade que raiava pela loucura; calcava as pessoas como diziam os presos. O que mais intimidava os presos era o seu olhar penetrante e inquisitorial, ao qual ninguém podia escapar. Via tudo como se não precisasse olhar. Quando entrava no presídio já sabia tudo o que se fazia no outro extremo do mesmo. Os condenados chamavam-lhe de Oito Olhos. (DOSTOIÉVSKI, 1995, p. 318).

É o olhar de quem olha para si mesmo. É a marca da punição imposta ao condenado, seguindo na sua própria vigilância a clausura do seu corpo. Nesse caso, a prisão fabricaria novos condenados. Atua profundamente no seu corpo e o transforma em um suposto indivíduo dócil que se

possa integrar ao “corpo” social; sendo que, no rol dos objetivos das instituições totais carcerárias, a autodenominada ressocialização deve ser incluída como o suposto elemento direcionador de suas metas. Isso é prontamente rebatido pelos estudos de Foucault

Desde o começo a prisão deveria ser um instrumento tão aperfeiçoado quanto a escola, a caserna ou o hospital, e agir com precisão sobre os indivíduos. O fracasso foi imediato e registrado quase ao mesmo tempo em que o próprio projeto. Desde 1820 se constata que a prisão, longe de transformar os criminosos em gente honesta, serve apenas para fabricar novos criminosos ou para aprofundá-los ainda mais na criminalidade. (1986a, p. 131).

As grades segmentarizadas separam os lugares de dentro e, nos corredores, os lugares de fora. Em micro-movimentos, esses espaços assistem às fugas que explodem em linhas díspares, revivendo os bens simbólicos atordoados pelas máquinas desejanter. A máquina que produz é parte da máquina que corta. É máquina de máquina gerada em conexões de fluxos contínuos e interrompidos. Para Deleuze & Guattari, no *Anti-édipo*

As máquinas desejanter são máquinas binárias, de regra binária ou regime associativo; uma máquina está sempre ligada a outra. A síntese produtiva, a produção de produção, tem uma forma conectiva: “e”, “e depois”... É que há sempre uma máquina produtora de um fluxo e uma outra que se lhe une, realizando um corte, uma extração de fluxos (oseio/a boca). É como a primeira por sua vez, está ligada a outra relativamente à qual se comporta como corte ou extração, a série binária é linear em todas as direções. O Desejo faz constantemente a ligação de fluxos contínuos e de objetos parciais essencialmente fragmentários e fragmentados. (1995, p. 11).

O olho do poder não descansa. Segue-se eterno, encontrando nos corpos os lugares privilegiados de atuação. Impõe suas metas e aviva suas marcas. Caminha com os passos de quem anda e fala pela boca do condenado. A culpa<sup>1</sup> é constituída nas entranhas da própria alma e, nesse caso,

<sup>1</sup> Ver Nietzsche (1983) no livro *Para a Genealogia da Moral*.

livrar-se desta culpa é tarefa “impossível”. É preciso pagar. “O crime não compensa”. A cadeia passa a ser, então, o *locus* da reflexão do condenado que, fora da temporalidade instituída pelos relógios, encontra outro tempo para amargar suas dores queimadas pela eternidade da culpa.

A culpa gerada no olhar do silencioso poder só pode minimizar o seu grau de destruição pelo reconhecimento do “desvio”. Carregar este fardo extremamente pesado é parte do rol de penitências lançadas sobre os ombros dos condenados. É preciso, contudo, olhar a própria ferida. Ver, nas marcas deixadas por ocasião do crime, as sucessivas aplicações punitivas que trituram o corpo dos condenados. É nesta correção de acontecimentos que os binários signos constituem ancoradouros e, ao mesmo tempo, consubstanciam-se em mantos de compaixão.

Compadecer-se da dor alheia não implica necessariamente partilhar as adversidades constituídas pelos dilemas da vida humana, pois a dor não é simplesmente a negação dos prazeres vividos. Seu florescimento é traspassado por linhas extremamente tênues que circulam os corpos como que costurando todas as feridas, sem a pretensão de constituir um corpo ou um sujeito. O lugar da dor é o lugar das possibilidades de uma dor-loucura ou dor-criação, ou simplesmente a própria dor-vida. A dor, nesse caso, é a dor de quem vive. É a dor do risco. É a dor da saudade. Todo ato criativo encontra sustentação nessa suposta inimiga da vida.

Para o poeta Giacomo Taldegardo Francesco Leopardi<sup>2</sup> a dor é o mais poderoso caminho e a mais nobre

---

<sup>2</sup> Nasceu em Recanati, em 29 de junho de 1798, no então Estado Pontifício das Marcas. Filho do Conde Monaldo Leopardi e da Marquesa Adelaide Antici. Morre em 14 de junho de 1837, com 39 anos, vitimado por um ataque de asma e hidropsia cardíaca, numa casa em Vila Ferrigni. Ao seu lado, encontrava-se o seu amigo Ranieri. Foi sepultado na Igreja de São Vital, em Fuorigrotta. Em sua lápide, encontra-se a inscrição feita pelo seu amigo Pietro Giordani: *Ao Conde Giacomo Leopardi de Recanati/ filólogo admirado fora da Itália/ escritor de filosofia e de poesia altíssimo/ a comparar-se apenas com os gregos/ o qual cessou aos XXXIX anos de vida/ em virtude de contínuas doenças terríveis/ fez Antônio Ranieri/ durante sete anos até a extrema hora/ ao amigo adorado. MDCCCXXXVII*. Deixou-nos os versos em número de 41, 4.526 páginas do diário que se intitulou *Zibaldone*. Inúmeras cartas, além dos textos satíricos contidos nos *Opúsculos morais*, dentre outros.

saída para o tédio. Enquanto o homem sofre, não se entedia pelos desprazeres do mundo, um mundo que caminha para o nada, que lança os seus filhos à solidão e ao desterro. É um constante exílio de reposições tênues reescritas no passar de um tempo que sucumbe nas tempestades. Conforme demonstra Leopardi no *Cântico do Galo Silvestre/ Opúsculos Morais*<sup>3</sup>

Cada parte do universo apressa-se, infatigavelmente, para a morte com solicitude e celeridade admiráveis. Apenas o próprio planeta parece imune à decadência e ao declínio. Contudo, se no outono e no inverno mostra-se quase enfermo e velho, não menos na nova estação, rejuvenesce sempre. Mas como os mortais no primeiro momento de cada dia readquirem uma parte da juventude, assim envelhecem todos os dias e finalmente se extinguem; igualmente o universo no princípio de cada ano renasce e nem por isso deixa de continuamente envelhecer. Tempo virá em que ele e a própria natureza se apagarão. Assim como de grandes reinos e impérios humanos com seus movimentos maravilhosos, famosíssimos em outros tempos, nada resta hoje, de indício ou fama, do mundo inteiro, dos acontecimentos infinitos e das calamidades das coisas criadas, não restará um vestígio sequer. (1996c, p. 418).

O ato mnemônico é fixado pela dor. Nesse caso, o esquecimento da dor é um potente elemento para prover ao sujeito possibilidades de constituição do indivíduo/sujeito no mundo. É pelo esquecimento que o presente se abre ao porvir e, nesse caso, pode dar vazão ao sonho. O passado então passa por uma seleção mnemônica em que as lembranças podem fluir buscando o que lhe é aprazível.

É, nesse caso, que as instituições totais constituem, nas lembranças dos que por ali passaram, um santuário de amargura, saudade e melancolia. Nas paredes das celas, um pouco da história ou quase toda a história. Atos mnemônicos

---

<sup>3</sup> Em 1820 tem a idéia de escrever algumas composições satíricas que, posteriormente, seriam denominadas "Opúsculos morais". Esse conjunto de textos é publicado em junho de 1827 pelo editor Stella. Entre junho e outubro inicia a compilação do índice do "Zibaldone", que fora acrescido de novas correções como: *Maquiavelismo* e *Sociedade, Aniversário, Amizade, Caráter, Educação, Egoísmo, Galateu moral, Juventude, Mundo, Simplicidade e Velhice*.

aparecem nas sombras que se sobrepõem aos buracos que servem de molduras à tinta descascada. Versos sem rima. Gritos contidos de dor, prantos e, em muitos casos, esperanças de liberdade. O mundo de dentro é apartado do mundo de fora. O tempo é encarcerado. Vitimado pela dor da saudade de um lugar encantado e milagroso que fora tolhido e picotado pela adversidade e pela quebra das normas. Vãos de lembranças são alçados nos pavilhões dos lugares imaginários. Imagens de belas mulheres cobrem e enfeitam as deformações das paredes das celas. Camas que se amontoam umas sobre as outras e colchões fétidos que coabitam com os seres marcados pela eternidade da culpa e pelo ferro da grade.

Objetos pessoais ou quase impessoais. As sobras deixadas pelas visitas. Lembranças que acalentam a espera do próximo encontro e/ou, quem sabe, um rápido enlace amoroso por trás das grades cuidadosamente arrumadas para abrigar as núpcias quinzenais, que sempre deixam muita saudade. O gosto do último beijo. O cheiro feminino que parece continuar mnemonicamente por vários dias a atracar sua nau nos portos sórdidos, esqualidos e macilentos do submundo das celas, encobertos pelos lençóis da felicidade.

Olhares helicoidais (re) significam as múltiplas possibilidades de acolhimento espacial. O "olho do poder", para utilizar um conceito de Foucault (1986), não descansa. É, em seu segredo, aparentemente impotente. Todavia é circundante e rigorosamente multicolorido, como se pudesse inferir do lodo um caleidoscópio e suas belas figuras simétricas. Esses olhares atingem a todos. Todos os lugares podem ser examinados. Todos os sussurros, de agora em diante, devem ser escutados. A única forma de manter o íntimo avivado é falar com os olhos ou com as mãos e ver com os ouvidos.

Na visão de quem olha, o olhar de si mesmo é prehe de desencanto. Entretanto, não descansam essas vidas errantes em sinopse de desatino e desafetos. Regozijam-se e joram na satisfação da lama. Na corte celestial imaginária, um rasgo de liberdade sonha no aprazimento que decola em parques espaços apropriados para dar vazão ao lúdico. As brincadeiras seguem seus passos e lugares sempre com o olhar panóptico de uma torre centralizada no meio do cárcere.

Mas o tempo continua. O mundo segue o seu curso e uma seta corta o ar que, mesmo amordaçado, é obrigado, naquele contexto a apropriar-se dos fluxos díspares que povoam os sentidos e reencontram novas temporalidades. O tempo carcerário é encoberto pelo drama e pelas marcas de adversidades que penetram os corpos, agora vigiados e punidos. Uma complexa rede de força traça as linhas que, de agora em diante, passam a fazer parte do adestramento corporal. Um tempo fluido é aprisionado, jorrando sem gozo. Amarrado nas grades, esse mesmo tempo busca a liberdade em todas as frestas possíveis e todos os acontecimentos podem revelar possibilidades que, no calor dos jogos de força, dilatam o orifício dos acontecimentos e explodem de contentamento da vida. É que a linguagem falada, dança com a mobilidade de um bailarino que inventa os seus movimentos sem as prisões normalizadoras dos conceitos e dos signos. Segundo Barthes

A escrita não é absolutamente um instrumento de comunicação, não é uma via aberta por onde passaria somente uma intenção de linguagem. Através da fala, é toda uma desordem que escoia, e lhe dá esse movimento devorado que o mantém em eterno estado de suspensão. Inversamente, a escrita é uma linguagem endurecida que vive sobre si mesma e não tem absolutamente o encargo de confiar à sua própria duração uma seqüência móvel de aproximações, mas de impor, ao contrário, pela unidade e pela sombra dos seus signos, a imagem de uma palavra construída muito antes de ser inventada (2000, p. 18).

O que temos, na realidade, não é um mero ato de reflexão, mas uma escrita viva. A paixão de quem fala, a emoção de quem escuta, e a embriaguez de quem escreve. Uma (trans)criação deformadora de sujeitos vazados pelas inúmeras vielas decodificadas da existência humana. Uma interface de enunciados que vazam as regularidades prontas pelos conceitos já constituídos buscando, como assinala Foucault (2000, p. 69), "as regularidades intrínsecas do discurso". Na realidade, os enunciados podem escavar o eterno ou simplesmente realizar a trapaça salutar da língua proposta por Barthes (2000, p. 16)

A marca corporal que viaja no tempo e não pode mais encobrir as cicatrizes da tuberculose ou do rosto de-

formado pelo cabo do fuzil. Redefinições de caminhos que se deslocam da marginalidade da vida para cantar a vida em versos. É que a vida revela aos viventes um constante e insaciável modo de aprender e viver a liberdade. Correr pelos caminhos que se pode e se apresentam ao ser que se desloca. Mover-se sem os emblemas que distorcem os segredos. Ser mais um dentre tantos indivíduos que entortam todos os processos de subjetivação. Não seguem ritos, mas vivem imiscuídos em complexos rituais de passagem. Participa de um mundo que pretende corrigi-lo, para devolvê-lo ao mundo caótico da vida social.

O preso vive necessariamente a tensão de guerra e paz; liberdade e claustro; mundo de fora e mundo de dentro. Os que passam muito tempo, descobrem as trilhas de uma instituição total, cujo regresso ao mundo de fora pode representar a necessidade de retorno. Enquanto isso, novas políticas de segurança são apresentadas nos discursos políticos, nas plataformas políticas dos governantes ou pretensos governantes.

O resultado é sempre o mesmo. Construir mais cadeias, reforçar o aparato policial e cada vez mais controlar a passionalidade humana. Até a escola torna-se caso de polícia. Rondas escolares são exibidas como sinal de prevenção. Ação policial no interior das escolas. Redução cada vez maior da chamada maioria. O que se deseja realmente do animal humano? Se até escola é caso de polícia, teremos que diminuir cada vez mais a força dos profissionais da educação. Quem sabe professores treinados em tiros e destreza corporal. A escola transformando-se cada vez mais em quartel. Vamos então substituir o professor pelo policial. Cientistas, médicos, pesquisadores, educadores perdem seu papel e em seu lugar os seguranças, policiais, investigadores, especialistas em escutas telefônicas e movimentações financeiras assumem seus lugares.

É muito temeroso que este conjunto de idéias que circulam, sobretudo, pela mídia eletrônica, invada também as instituições de ensino superior como é o caso da Universidade Federal do Ceará. Já se tem notícia de inúmeras ações promovidas por seguranças da UFC contra alunos daquela instituição. Seqüestros, prisões realizadas por seguranças de empresas privadas ou por seguranças da própria UFC. Agressões físicas e verbais. É o discurso da segurança que se espa-

lha para todos os lados. Os seguranças hoje, na UFC, pas-  
sam a ter mais poder que os Chefes de Departamento, Dire-  
tores de Centro e, quem sabe, se o Reitor não for conhecido  
dos seguranças pode sofrer alguma represália. Se a UFC vi-  
rou cadeia a ciência estaria no mínimo aprisionada.

### Referências Bibliográficas

- BARTHES, R. *Aula*. São Paulo: Cutrix, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 237p.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O anti-édipo: capi-  
talismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Ja-  
neiro: Edições 34, 1996. v. 3.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Memória da casa dos mortos*.  
In: *Obras Completas*, v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar,  
1995. p. 309 – 555.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: história da violência nas  
prisões*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a prisão*. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*.  
Rio de Janeiro: Graal, 1986a. p. 129 – 143.
- \_\_\_\_\_. *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha  
irmã e meu irmão*. Rio de Janeiro : Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense  
universitária, 2000. 239p.
- LEOPARDI, Giacomo. *Cântico do galo silvestre/opúsculos  
morais: poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996c.  
p. 415 – 418.
- \_\_\_\_\_. *Zibaldone: poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova  
Aguilar, 1996. p. 549-690.
- NIETZSCHE, F. *Para a genealogia da moral*. São Paulo: Abril  
Cultural, 1983. (Os pensadores).